

**História Indígena e ensino de História escolar nas escolas Indígenas:  
um olhar a partir dos relatos dos professores Indígenas que lecionam a disciplina**

*Indigenous History and educational History education in Indigenous schools: a view  
from the reports of Indigenous teachers who teaches the subject*

**Regiane Francisca Barbosa**  
Mestranda, PPGH-UFGD.  
regifbarbosa@gmail.com

Resumo: O trabalho tem por objetivo apresentar algumas reflexões iniciais acerca de como duas professoras indígenas Guarani Kaiowá lidam com o ensino de História. Busca-se compreender como de fato isso é influenciado pelas experiências que tiveram ao longo de suas vidas, e como estas por sua vez, também sofreram influência do processo histórico global. Desta forma, percebe-se que há uma grande preocupação destas docentes em manter uma identidade étnica do grupo ao qual pertence. Configura-se então, uma tentativa de entender como isto de fato, se dá no cotidiano da sala de aula, em suas práticas, na forma com que lidam com os conteúdos.

Palavras-chave: Professores indígenas; Ensino de História; História Indígena

*Abstract: The paper wants to present some first thoughts about how two Guarani Kaiowa indigenous teachers deal with the History teaching. We seek to understand how it is in fact influenced by the experiences they had throughout their lives, and how these in turn, also were influenced by the global historical process. Thus, it is clear that there is a major concern from these teachers to maintain an group's ethnic identity to which they belongs. It is configured so an attempt to understand how this actually happens in everyday classroom, in their practices, as they handle the contents.*

*Keywords: Indigenous teachers; History teaching; Indian history*

Ao iniciar esse texto, é preciso dizer que ele é fruto de uma pesquisa que ainda se encontra em andamento. Desta forma, busca-se, então, apresentar algumas reflexões que foram percebidas neste início de trabalho, reflexões estas que já nos apontam alguns aspectos importantes para que se pense o ensino de história escolar nas escolas indígenas. Tomam-se como base os relatos de duas professoras Guarani Kaiowá que trabalham com este componente. É válido ainda lembrar que não houve uma entrevista direcionada, com questões pontuais. Mas, foi-lhes pedido que falassem sobre o ensino de história e como trabalharam com os materiais didáticos (que neste caso não são específicos), e qual importância atribuem ao ensino dessa disciplina.

Nesse sentido, elas mesmas construíram seus relatos, dando ênfase àquilo que lhes era

mais significativo, sem muita interferência desta pesquisadora. Configura-se dessa forma uma das vertentes da história oral, o método da história de vida, buscando ouvir os professores, as suas narrativas de vidas, analisando-as a partir do processo histórico geral. É importante ainda ressaltar que articulamos as falas dos professores com o que traz o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas - RCNEI, em especial os apontamentos para se pensar o ensino de História para as populações indígenas. O intuito aqui é perceber como os professores transitam em relação à tradição e aquilo que é proposto pelo RCNEI, como articulam suas experiências vividas com os conteúdos que lecionam, a forma como refletem sobre o ensino de História juntamente com os seus alunos.

Nessa perspectiva, podemos considerar o que diz Maués (2003):

A relação entre memória, histórias de vida e ensino vem se consolidando como uma das vertentes de estudo no campo pedagógico, cuja desconstrução de trajetórias de vida pessoal aliada à formação pedagógica subsidia a compreensão da subjetividade na instância dos condicionamentos e práticas educativas.

Vale ressaltar que estamos falando de uma pesquisa em História, portanto o trabalho não visa focar os pontos que dizem respeito às práticas psicopedagógicas ou à psicodinâmica dessas pessoas. Nosso intuito é analisar como o contexto de suas experiências de vida é influenciado pelo contexto histórico global e como isso é refletido na sala de aula no momento de lecionar e, principalmente, no significado que atribuem a essa prática e àquilo que transmitem aos alunos. Nesse quesito, concordamos com a autora, pois entendemos que memória, história de vida e ensino estão interligados e, uma pesquisa englobando os três elementos, é interessante no sentido de poder apresentar aspectos que passariam despercebidos em outro tipo de análise.

Ao se pensar o professor indígena dentro de sua comunidade percebe-se que este possui um importante papel. De acordo com Silva (2001, p. 10. Apud Troquez), na atualidade, “o professor índio emerge como um importante mediador das lutas em prol dos direitos indígenas, mas particularmente, dos direitos ligados a uma escola ‘específica’ e ‘diferenciada’ enquanto um ‘lugar do e para o exercício indígena da autonomia’”. Se no decorrer da história os indígenas receberam uma educação colonizadora que tinha por objetivo sua integração na sociedade, o ensino marcado pelo processo “civilizador”, de fazer com que aprendessem a ser “gente”, agora é por meio de uma inserção qualificada no seu mundo, mas também no mundo não indígena, que ele busca legitimar sua identidade. Ressaltando que, agora, busca-se um

ensino que tenha significado para o grupo, para a comunidade, e não um ensino que lhes distancie daquilo que tenha escolhido como projeto de vida individual e social. O professor indígena acaba sendo o protagonista desta nova visão de educação indígena, como aponta a autora. Apesar disso, ainda existe, como afirma Nascimento (2004), uma dificuldade muito grande em, de fato, concretizar uma escola com essas características, em especial por conta da “confusão” causada pela indefinição de alguns termos e métodos caracterizados como chaves na contextualização de uma nova escola indígena.

Atualmente, os documentos legais afirmam que a escola indígena deve oferecer uma educação específica, diferenciada e de qualidade para as populações indígenas, mas ainda há muito a ser feito. E se se levar em conta, que não há materiais específicos e nas línguas indígenas, o trabalho e o desafio do professor é muito maior. O que se percebe, no entanto, é que ele acaba tomando para si o compromisso de fazer com que a escola seja esse meio de incentivo e afirmação da identidade do grupo, da comunidade na qual se está inserido. Apesar de a escola ser algo “exterior” à dinâmica indígena, ela acaba por se tornar uma instituição que interfere na realidade indígena. A escola pode, no entanto, ser um instrumento que possibilite a impostação diante da sociedade não-indígena, a afirmação da identidade perante o outro, a valorização das tradições e o diálogo com os espaços não-indígenas.

Nascimento e Urquiza (2010), observam que nos discursos e manifestações de professores indígenas, aparece essa preocupação de manter a identidade étnica. Para eles, “a escola deve fortalecer a cultura tradicional, a identidade e a língua”; “a escola é um instrumento muito importante na vida dos Guarani e Kaiowá para trazer de volta valores e o fortalecimento da identidade étnica” (p.127). Pode-se perceber que o professor nessas circunstâncias acaba por ter que fazer valer essa escola diferenciada, específica e de qualidade, mesmo que as condições de trabalho não lhes sejam favorável. É uma forma de fazer valer os direitos conquistados depois de tantas lutas. Ainda podemos citar a vantagem que o professor indígenas possui, no que diz respeito à língua e à convivência na aldeia, no cotidiano, nas tradições, enfim, por fazer parte da cultura sobre a qual deve ensinar, por identificar-se como pertencente a um grupo ao afirmar a identidade condizente com suas pertenças.

Nessa perspectiva, podemos citar Troquez (2006), que ao estudar sobre os professores índios da cidade de Dourados/MS, observou que é possível perceber “vantagens socioculturais e lingüísticas que o professor indígena tem, comparado ao não-índio, no sentido

de facilitar o processo de ensino-aprendizagem e de diminuir a evasão e a repetência nas escolas indígenas (P. 85). O interessante é perceber a consciência que este personagem pode ter de sua profissão, o compromisso de manter viva a cultura e passá-la para os seus alunos. Nota-se, então, que na história indígena a cultura está a todo tempo dialogando com a instituição escola. E os professores acabam por ser os intermediários, mediadores entre uma instituição do Estado e as tradições do seu grupo, no intuito de reforçar a identidade étnica e fazer valer os direitos indígenas.

Em todo esse contexto, pode-se perceber que os professores então transitam o tempo todo entre o tradicional e o institucional. A presença da militância pelos direitos indígenas, neste caso, da escola específica, diferenciada, está presente a todo tempo. A história de vida se mistura com a profissional. Isso é notável em suas próprias falas, principalmente ao dizer dessas vantagens que possuem o professor indígena (língua, cultura). A responsabilidade é grande desse professor que precisa passar aos seus alunos esse orgulho em ser indígena, significado principalmente nessas experiências de vida. O ensinar torna-se, então, através dos conteúdos, das formas de abordá-los, um meio de preservação da cultura do grupo, de sua identidade, de sua tradição.

Ao se pensar desta forma, observa-se que a escola é de suma importância para o grupo de maneira que, se pensarmos nas disciplinas que são ensinadas aos alunos, nos conteúdos específicos de cada uma delas e de como os professores que são indígenas trabalham, é possível ir ainda mais fundo e perceber como esse profissional manuseia essa ideia de afirmação da identidade.

As histórias de vida das duas professoras em questão possuem vários pontos em comum. O principal pode-se dizer que foi as duas cursaram tanto o ensino fundamental quanto o ensino médio em escolas não-indígenas. O que se percebe em suas falas é a forte discriminação que sofreram ao longo da vida escolar. O fato de serem índias as colocava como seres “estranhos”, “selvagens”, “exóticos”, diante dos seus colegas de classe e muitas vezes dos próprios professores. A discriminação aliada às dificuldades de se chegar à escola foram contribuições negativas que estas pessoas carregaram consigo ao longo de suas vidas. Isso é notável para inserir suas histórias de vida no processo histórico, se levarmos em conta que elas cursaram tanto o ensino fundamental quanto o ensino médio nas décadas de 70 e 80. Nesse período ainda não se observa o termo escola e educação indígena, diferenciada e específica já implantado (pelo menos em tese). De certo, não como observamos hoje, até

porque esses movimentos em prol da educação indígena, colocando os direitos indígenas e suas reivindicações como norteadores, só serão mais visíveis a partir dessas décadas. Nesse sentido, um aspecto importante a ser observado é que essas professoras, por passarem por essas experiências de estudarem em escolas não-indígenas, valorizam muito esse novo modelo de educação indígena com cunho emancipatório. E ao pensar dessa maneira, procuram passar isso aos seus alunos, tentando fazer com que eles também a valorizem, pois essa conquista é fruto das lutas pelos seus direitos.

A experiência de estudar em escola não-indígena e a discriminação, os constrangimentos com isso gerados, a falta de preparação dos seus professores para lidar com a situação, as fizeram dar um grande valor à escola indígena. Por experimentarem os dois lados da situação, tanto de discriminados quanto de luta contra a discriminação, as professoras indígenas buscam passar isso aos seus alunos. Isso é feito, principalmente, nas abordagens que tomam para trabalhar os conteúdos de História, mesclando os processos históricos com seus discursos que, por sua vez, são frutos de suas experiências vividas ao longo de sua trajetória.

Uma destas professoras comentava que quando era estudante tanto no ensino fundamental quanto do ensino médio tinha muita vergonha de ser indígena. Segundo ela, havia muita discriminação, ela tinha dificuldade com a língua, e por conta disso também apresentava dificuldade em aprender os conteúdos. O fato ainda de a escola ser longe da aldeia em que morava, era mais uma barreira para que continuasse seus estudos. Quando, de fato, decide pela carreira de professora e ingressa em um curso de formação para professores indígenas, começa a questionar a própria mentalidade. Ao começar a lecionar, isso é então reforçado. Percebe que já não podia continuar com essa ‘vergonha de ser indígena’, pois isso refletiria em seus alunos. É aí então, que percebe o papel importante do professor na vida dos alunos, bem como a tamanha responsabilidade que tinha de incentivá-los a manterem suas tradições, seus costumes e principalmente sua identidade. A partir daí, ela começa a voltar todas as suas aulas tendo como base esse foco, de fazer com que seus alunos tenham o mesmo orgulho indígena que ela tanto demorou a ter, e o tanto que sofreu por conta disso.

O que esta professora tenta passar aos seus alunos vai de encontro ao que coloca o RCNEI, quando aponta que

[...] no estudo da História, dependendo das escolhas pedagógicas feitas pelo professor, pode-se possibilitar aos alunos refletirem sobre seus valores e suas

práticas cotidianas e relacioná-los com as problemáticas históricas de seu grupo, de sua localidade, de sua região e da sociedade nacional e mundial. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2005 p. 197)

Apesar de os materiais não serem específicos, segundo a professora, na sua prática, ela tenta mostrar os alunos a história a partir da visão indígena, principalmente no que diz respeito aos conteúdos relacionais à história do Brasil. O objetivo dessa professora é fazer com que os alunos se orgulhem de sua história, bem como também tenta levá-los a refletir sobre a história de sua aldeia. Ou seja, busca discutir como aquele espaço em que vivem foi construído historicamente, como as ações levaram aquele espaço a ser demarcado e a hoje pertencer à comunidade em que residem.

Já a segunda professora possui uma história de vida marcada pela militância. Isso porque é filha de um indígena que sempre lutou pelos direitos do seu povo e que é reconhecido como uma figura importante para a sua comunidade. Apesar de também ter cursado o ensino fundamental e médio em escolas não-indígenas, o orgulho de ser indígena sempre esteve presente nos meios sociais em que circulava. Mesmo com a discriminação que também sofreu da parte dos não-indígenas por conta disso, a forma como encarou a educação está relacionado ao contexto de lutas em que estava inserida diretamente. O que se pode perceber é que, ao se tornar professora, a preocupação com os alunos era a mesma da anterior: levá-los a sentir o mesmo orgulho de ser indígena que ela sempre sentiu, mantendo a identidade étnica. É o que ela deixa bem visível quando em uma de suas falas apresenta a preocupação que sente ao entrar em sala de aula e perceber que alguns costumes já não são tão cultivados. E a sua atuação na sala de aula também direciona-se para que os alunos percebam a importância da identidade étnica do grupo.

Nesse sentido, de tentar fazer com que os alunos vivenciem mais a cultura e os costumes de sua etnia, a professora diz que já trabalhou com alguns projetos. Estes projetos foram desenvolvidos com o intuito de levar os alunos a conhecerem mais sobre a história de seu povo, seus costumes, sua cultura em geral. É o que também propõe o RCNEI, quando aponta algumas finalidades do ensino de História.

Algumas das finalidades do estudo da História podem ser definidas na convivência com os alunos em sala de aula, no contexto da realidade escolar, nas vivências sociais de cada comunidade e a partir das concepções de História daquela sociedade e cultura. Porém, é importante que o professor conheça algumas noções específicas da História tal como é pensada no

mundo ocidental, para que possa entender criticamente algumas ideias que aparecem no ensino e também algumas reflexões educacionais que tem orientando as práticas nas escolas. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2005 p. 195)

É o que a professora buscou fazer, trazendo o cotidiano dos alunos, da aldeia, para a sala de aula, trabalhando-o como parte da disciplina da História. Dessa forma, ela traz à tona as particularidades do grupo, que muitas vezes por conta do constante contato com a sociedade não-indígena, e também com as transformações da cultura, vão se tornando cada vez menos corriqueiras. Outro ponto importante aqui a ser ressaltado é o que diz respeito à noção de cultura que possui. A intenção aqui, segundo ela, não é fazer com que os alunos tentem retornar as formas de vivência passadas do grupo, mas levá-los a conhecer a história que envolve o grupo ao qual pertence. E ainda, as transformações que ocorreram, no sentido de conhecer para manter a identidade étnica, o que não significa que a cultura precise ficar estática, pois ela é entendida em toda sua dinamicidade.

Outro ponto que a professora destaca em sua fala é a de falta de material específico e as alternativas que lança mão para suprir esta carência. Além desta alternativa que já foi mencionada, a professora aponta ainda a utilização do livro didático. Este é o mesmo utilizado nas escolas não-indígenas. Para trabalhar com esse material em sala de aula, ela aponta que é preciso desconstruí-lo. Ou seja, o que se observa é que o material possui uma história que é dividida e contextualizada segundo os moldes ocidentais de enxergar a História. E ainda, com o cunho um tanto quanto eurocentrista, que apresenta, na grande maioria das vezes, somente uma visão colonizadora e civilizatória. Nesse sentido, a professora busca interpretar com os alunos tudo aquilo que está contido no livro didático, de forma que estes pensem sobre o lugar que lhes é dado na História. Com isso reflete sobre a versão colocada no material como sendo somente uma das tantas versões e interpretações da História. Ou seja, é preciso levar em conta o lugar em que aquele discurso foi produzido para se entender o que é dito, não o tomando como verdade absoluta e inquestionável.

Neste sentido, pode-se perceber que os professores indígenas ainda precisam vencer grandes desafios para que, de fato, cheguem a uma escola específica, diferenciada de qualidade. É certo que muito já foi feito em prol da educação escolar indígena, mas há ainda muito trabalho a cumprir. O professor nesse sentido tem um grande papel, o de fazer valer os direitos ao ensino diferenciado, de forma a mediar os interesses do seu grupo com os da instituição ao qual pertence. As histórias de vida das duas docentes estão, desta forma, muito

ligadas àquilo que ensinam em sala de aula e na significação que atribuem a sua prática, pois transitam o tempo todo entre a tradição e o currículo.

Nessa perspectiva, nota-se ainda que há uma preocupação dessas professoras em manter uma identidade étnica e fazer com que seus alunos também a mantenham. Nesse sentido, observa-se que o tempo todo, ao lecionar, estão direta ou indiretamente tentando levar os alunos à reflexão sobre o sentimento de fazer parte de grupo, tomando consciência disso. Apesar, ainda, de os materiais não serem específicos, as professoras lançam mão de alternativas para de fato trabalhem de forma diferenciada, atendendo às necessidades dos seus alunos, bem como do grupo social. Nesse sentido, a educação que pretendem é uma educação política.

Ressalta-se que não foi intenção dizer se as professoras cumprem ou não o que está colocado no RCNEI, ou se suas práticas estão certas ou erradas. Ao contrário, analisamos como de fato se dá o ensino de História por aqueles que estão em contato o tempo todo com o componente, que lidam com as situações cotidianas e com a realidade do seu próprio grupo. Deve-se ainda levar em conta que o que traz o RCNEI, como o próprio documento já diz, não são “receitas” para que se concretize a escola indígena, mas apontamentos que levem estes profissionais a pensarem suas práticas, a acessarem sugestões, a buscarem conhecimentos que enriqueçam suas ações e que contribuam para que se alcance qualidade no ensino.

## Referências

- MAUÉS, Joserlina. Memória, história de vida e subjetividade: perspectivas metodológicas em pesquisas educacionais. Amazonas: 2003. Disponível em: [www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos\\_revistas/30.pdf](http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/30.pdf). Acesso em: 15/06/10
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas. Brasília: MEC/SEF, 2005.
- NASCIMENTO, Adir Casaro. Escola indígena: palco das diferenças. Campo Grande: UCDB, 2004.
- NASCIMENTO, Adir Casaro. URQUIZA, A. H. Aguilara. Currículo, diferenças e identidades: tendências da escola indígena Guarani e Kaiowá. Currículo sem Fronteiras: 2010. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org>. Acesso em: 20/10/2010